

MEDIAÇÃO DA COMUNICAÇÃO E DAS PRÁTICAS COTIDIANAS NA CONQUISTA DA CIDADANIA DOS QUILOMBOLAS

Cristóvão Domingos Almeida¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender a comunicação e as práticas cotidianas enquanto espaço de mediação nas experiências de vida dos quilombolas da comunidade rural Campina de Pedra, localizada no município de Poconé, estado de Mato Grosso. Fundamenta-se que a comunicação é: trocas, partilhas e diálogo, que ativa o pensar crítico e fortalece a participação em busca de direitos. Metodologicamente, apoia-se na observação e entrevistas em profundidade para entender a comunicação e as práticas cotidianas dos quilombolas enquanto lutas e esforço para manter as tradições. Constata-se que mesmo com as mudanças ocorridas na comunidade, após o acesso aos bens simbólicos, ressignifica o local, garante o pertencimento e amplia-se a criticidade em prol das transformações sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação. Cidadania. Práticas Cotidianas. Quilombolas.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo parte do princípio de que a articulação entre comunicação e práticas cotidianas é fundamental para a conquista da cidadania. Identifica essa articulação a partir da mediação dos meios de comunicação nas práticas cotidianas dos quilombolas e analisa como o acesso aos bens simbólicos auxiliam na construção da cidadania.

Focaliza-se na experiência da comunidade quilombola Campina de Pedra, localizada no município de Poconé, estado do Mato Grosso. Na comunidade, atualmente, conta com cento e oito moradores e, ela foi a primeira, entre as trinta e três existentes no município, a receber o título de comunidade quilombola e também a eletrificação rural. Essas conquistas possibilitaram a bens materiais, tais como: água encanada, moradia de alvenaria; bem como o acesso a bens simbólicos especialmente por conta da televisão.

Com o acesso aos meios de comunicação nas residências dos quilombolas, algumas práticas cotidianas tiveram impactos: falar, habitar, trabalhar, caminhar, cozinhar, rezar,

¹ Pós-doutor em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM), Doutor em Comunicação e Informação (UFRGS), mestre em Educação (Unisinos) e graduado em Relações Públicas (PUC-Campinas). É professor na Universidade Federal do Pampa.

consumir. Por isso, relaciona-as com o processo de instalação da energia elétrica e aquisição dos aparelhos de televisão. Diante disso, identifica-se dois movimentos: o primeiro deles é que os meios de comunicação na comunidade promovem mudanças nas práticas cotidianas dos quilombolas; o segundo movimento é que eles também servem de espaços de fortalecimento das tradições, do reconhecimento social, da identidade étnica e da conquista da cidadania. Através das discussões teóricas e dos procedimentos metodológicos, verificamos que as práticas cotidianas dos quilombolas se articulam de modo coerente como espaço de resistência e mecanismos de manutenção da cultura, de pertencimento ao local e de comunicação com o outro. Mas, a partir da interação com a mídia - como o hábito diário de ver televisão e de ouvir rádio - os quilombolas se apropriam das informações para garantir o dizer a palavra e a participação coletiva no espaço comunitário.

2 COMUNICAÇÃO, PRÁTICAS COTIDIANAS E DIREITOS SOCIAIS

As práticas cotidianas – caminhar, trabalhar, rezar, conversar, habitar, consumir –, dos quilombolas da comunidade rural, localizada no município de Poconé, estado de Mato Grosso estão sendo alteradas, em parte, após a instalação da energia elétrica e das suas interações com os meios de comunicação e com as tecnologias. Essa experiência incorpora a prática cotidiana de assistir à televisão, resultando numa significativa produção de sentido (GARCÍA-CANCLINI, 2007) verificada, especialmente, nas trocas sociais, partilhas de informações e no dizer a palavra: comunicação humana.

A comunicação enquanto produtora de sentido orienta o modo de vida e o comportamento humano (GEERTZ, 1978). O ser humano, como afirma Geertz (2008, p. 33), precisa “[...] de fontes simbólicas para encontrar seu apoio no mundo”. Essas fontes simbólicas, dentre elas, as linguagens, têm potencial para criar mecanismos de valorização da comunicação como mediadora das ações, das reivindicações, da cultura local, do reconhecimento social e das lutas para ampliar direitos.

A abordagem comunicacional, neste estudo, não é pelo viés normativo, que diz respeito a uma concepção mecânica, privada e estagnada das coisas, mas é compreendida como processo de ações públicas produzidas pelos membros que vivem numa comunidade (GEERTZ, 1978). A comunicação e as práticas cotidianas são trocas, partilhas e diálogo, pois,

abranchem as vivências a partir das: gestualidades, danças, músicas, crenças. Tais práticas na comunidade quilombola são diversificadas, plurais e ricas de significados.

A relação entre comunicação, práticas cotidianas e cidadania ocorre a partir da valorização e do reconhecimento da presença do Outro e das tradições, ou seja, do modo de vida, dos costumes, como elementos essenciais para ampliar conquistas, dentre elas as sociais, aqui compreendido como possibilidade do sujeito agir concretamente (FRANÇA, 2001) e a resistência do grupo. Por isso, levamos em consideração a crítica formulada por Sousa Santos (2007). De acordo com ele, ainda hoje temos sérias dificuldades de reconhecer as experiências locais, suas diferenças e os sujeitos que preservam a comunicação humana como fonte e inspiração das lutas sociais e de participação ativo no espaço público.

Algumas pessoas fazem questão de manter distância dessas realidades. Para superar esse pensamento hierarquizado em relação à comunicação, neste artigo, definido como trocas, partilhas e interações, e, o cotidiano dos grupos minoritários, Sousa Santos (2007) sugere ampliar e melhorar as nossas lentes de observação, para enxergar as pluralidades de práticas culturais e a diversidade de costumes como essenciais aos seres humanos, incluindo as práticas cotidianas ditas periféricas. Assim, reconheceremos, com respeito, as diferenças e as mudanças culturais a partir do que o autor denomina de sociologia das ausências. É com a abordagem, sociologia das ausências, que reconhecemos a dinâmica da comunicação, das práticas cotidianas e da luta por direitos existente no interior das sociedades menos complexas, como é o caso da comunidade quilombola, que usam a comunicação humana, a mediada (THOMPSON, 1998), como espaço de preservação dos costumes, superação das desigualdades e de inconformidade, mesmo que haja alguns impactos nos hábitos cotidianos, o acesso aos bens simbólicos e as trocas informacionais fortalecem as resistências.

3 ACESSO AOS BENS SIMBÓLICOS RECONFIGURAM AS PRÁTICAS COTIDIANAS

O que há em comum nessas práticas cotidianas dos quilombolas – trabalhar, falar, rezar, cozinhar, caminhar, habitar, assistir –, é que não se pode compreendê-las apenas descrevendo-as de fora, mas entrando em contato com esse universo. Isso, porque elas se revelam enquanto “táticas” transformadoras do espaço comunitário. As práticas cotidianas instauram também, no interior da comunidade, “[...] um tecido sem proprietários

individuais, as criações de uma comunicação [...] abrem uma possibilidade de vivê-las reintroduzindo dentro delas a mobilidade plural de interesses e prazeres” (CERTEAU, 1994, p. 49-50).

Ressalta-se, ainda que as práticas cotidianas: falar, assistir televisão, ouvir rádio, caminhar, cozinhar, habitar, trabalhar são atividades dinâmicas e, mesmo mantendo as especificidades, elas estão num processo permanente de expansão, incorporam, inclusive, alguns elementos de outras culturas. Isso é provocado tanto por fatores externos quanto internos. O impacto dos fatores externos nas práticas cotidianas dos quilombolas ocorre, especialmente, a partir dos anos 2004, com o programa Luz para Todos, lançado pelo governo Lula.

Iniciou-se a instalação da rede de energia elétrica na região, seguindo o percurso da rodovia MT 451, a mesma em que a comunidade Campina de Pedra se localiza. Por isso, a obra deixou marcas na comunidade. Diversos postes de concretos foram fixados, alguns deles, em frente às residências dos quilombolas, bem como os cabos de alta tensão cruzam o espaço livremente. Assim, houve a necessidade de corte de árvores que continham histórias, por exemplo, as mangueiras plantadas pelos primeiros moradores da comunidade: [...] *tudo isso se foi*, relembra o quilombola Sol².

Na etapa inicial, nenhum morador foi contemplado com a instalação de eletricidade, começaram a se organizar e perceberam a importância do trabalho articulado e mobilizado, e, garantiram a instalação de energia na escola e a Igreja. Reivindicação que se articulam com o que Certeau (1994) denomina de economia de lugar próprio. Ela se fundamenta, conforme Certeau (1994, p. 123) “[...] na maximização dos bens materiais e simbólicos e no desenvolvimento do corpo, individual e coletivo, gerador de duração e de espaço”.

Desse modo, a energia elétrica possibilita conquistar bens materiais e simbólicos, fortalecendo, desse modo, o patrimônio local. Esse tema e os benefícios proporcionados através da energia elétrica tornaram-se pauta de debate nas rodas de conversa e no espaço comunitário. Ao discutir a sua importância, estabeleceram “táticas” para reivindicar a sua instalação na comunidade. Isso, porque experimentaram e verificaram que a energia elétrica poderia gerar economia ao lugar (CERTEAU, 1994) onde vivem, como relata a quilombola Lua:

² Por questões éticas e para preservar a identidades dos entrevistados, opta-se pelos nomes relacionados a natureza.

[...] antes a gente ia assistir televisão numa fazenda que tem aqui perto. Um parente nosso tomava conta desse lugar. E, ele tinha uma televisão pequena, preto e branco e ia um monte de gente assistir lá com ele.

Para Certeau (1994), as práticas cotidianas vinculadas à economia do lugar próprio dizem respeito ao patrimônio local, aos bens materiais e, também, ao princípio de gestão coletiva. Com o tempo, as reivindicações foram atendidas e, com isso, as famílias residentes no entorno da escola e da igreja passaram a se beneficiar da eletricidade, alterando algumas práticas cotidianas. Ao invés de caminhar até a casa do vizinho ao final da tarde para conversar, saíam de casa, munidos com lanterna e caminhavam, um pouco mais tarde, em direção à única casa em que havia televisão na comunidade.

A família foi a pioneira da comunidade a ter luz elétrica na residência e adquirir o aparelho de televisão, como relembra a quilombola Lua:

Aqui em casa quando compramos uma televisão, o pessoal da comunidade ninguém tinha, por isso, vinham todos aqui assistir. Era tão bom, às vezes tinha tanta gente aqui em casa que nem assistia, a gente deixava a televisão de um lado e batia conversando. Era uma forma da gente se reunir. Agora que todos têm televisão, isso não ocorre mais.

Pode-se dizer que as “táticas” empregadas pelos quilombolas para a conquista da energia elétrica na comunidade se unem ao processo de construção da cidadania, entendendo-a como mecanismo de incomodação frente às estruturas de poder local. A energia elétrica também provocou uma revolução na comunidade, porque ela passou a ocupar espaços estratégicos na dinâmica da vida cotidiana dos quilombolas, como, por exemplo, auxílio no trabalho. Com os processadores elétricos funcionando tiveram economia de tempo e alteraram, inclusive, o início das atividades. O mesmo não ocorria com a moenda movida à tração animal, pois o tempo deveria ser bem maior, pois, além de organizar os instrumentos, acender a fornalha, também eles tinham de buscar o burro ou o boi de sela no pasto, prepará-lo e, *nos primeiros dez minutos, deveria ter uma pessoa só pra puxar a rédea do animal até ele se acostumar com o peso*, relata o quilombola Nuvem.

Os quilombolas mencionam que a energia elétrica é uma das principais conquistas na comunidade. E, mais ainda, a eletricidade, como ressalta o quilombola Sol: *Nos deixou embelezados porque agora a gente enxerga tudo*. Viram, inclusive, as inúmeras possibilidades tanto para expandir as atividades produtivas, ampliando a produtividade, quanto as ações concretas do dia a dia. Como relembra a quilombola Ar: *Antes era tudo escuro, se a gente andava à noite, saía apalpando nas coisas para não cair*. Ela recorda que

algumas pessoas já tinham receio de sair de casa à noite por conta dos ataques das cobras: *Um dia a gente tava voltando do terço e a comadre foi ofendida pelo bichinho. Por isso, agora é tudo no claro, e comenta:*

[...] com a energia elétrica evoluiu muita coisa aqui. Sem ela a dificuldade era muito grande. A gente tinha que andar longe para tomar banho, lavar roupa, vasilha. Ficou muito mais fácil. Se não tivesse esse benefício poderia pensar em me mudar, mas agora temos tudo, não tem porque mudar daqui (AR).

Percebe-se que com o acesso a esse direito básico, os quilombolas apropriaram-se adequadamente do lugar onde vivem e reafirmam, nas suas falas, o desejo de continuar habitando e pertencendo ao espaço comunitário. Ao reforçar a ideia de pertencimento ao local, eles fortalecem a ação comunicativa, nesta abordagem a definimos como, trocas, partilhas e interações sociais. Assim, demonstram que as práticas cotidianas: caminhar, falar, habitar, assistir televisão, ouvir rádio, trabalhar são também cenários de resistência e de lutas para permanecer no local, mesmo porque, principalmente, a juventude, antes da instalação da energia elétrica, era favorável que se buscassem outras oportunidades nos centros urbanos. Por isso, por diversas vezes, a quilombola Chuva foi questionada: *Mamãe, o que a senhora fica fazendo aqui? Vamos embora pra cidade? Antes não podia dá uma resposta que convencesse, mas agora posso dizer que aqui nós temos tudo.* Ter tudo significa continuar mantendo o modo de vida e, também, ter acesso a outros espaços socioculturais e comunicacionais, possibilitado pela instalação da energia elétrica, que puderam ter acesso aos bens simbólicos na comunidade.

4 MEIOS DE COMUNICAÇÃO IMPACTAM O COTIDIANO

Os meios de comunicação, principalmente a televisão, causam impactos no cotidiano dos quilombolas, tomando a tipologia de Thompson (1998) sobre as três dimensões da comunicação: face a face, mediada e quase mediada. Dimensões que não podem ser pensadas separadamente e, aproximando-as do contexto dos quilombolas, em determinado momento, eles mantêm a comunicação face a face. Em diversas situações, nas conversas durante o trabalho, com os vizinhos, nas reuniões de planejamento, nos encontros de grupo de reflexão e de planejamento. Já, em outros momentos, utilizam a interação mediada e quase mediada, para obter e transmitir informações. Essa realidade suscita mudança provocada, principalmente, pela interação quase mediada, pois, a partir do ingresso da televisão na comunidade, está ocorrendo uma adaptação dos sujeitos a essa nova dinâmica

da vida social. Eles ajustam os compromissos comunitários, especialmente, as reuniões de planejamento, os grupos de reflexão, a reza do terço e as visitas às residências, para acompanhar o enredo da novela, por exemplo.

Sobre essa dimensão comunicacional, a quase mediada, Thompson (1998) alerta que, dependendo do grau de envolvimento dos sujeitos com as produções técnicas, elas podem contribuir com o processo de manipulação e deixar as pessoas numa zona de conforto. E, elas não pensam por si mesmas, porque as produções são pensadas e criadas por um grupo reduzido de pessoas. Elas pensam, produzem e depositam (FREIRE, 2005) as informações para serem consumidas pelo público. São as estratégias adotadas pelo monopólio da mídia, que, no caso brasileiro, está concentrado nas mãos de menos de meia dúzia de famílias (GUARESCHI; BIZ, 2005).

Os quilombolas compreendem essa situação. O quilombola Nuvem disse: *Nem tudo que assisto, posso confiar*. Ou seja, os quilombolas utilizam o celular, a televisão, o rádio e, mais recentemente a internet, não com a preocupação de que, esses meios servem apenas como ferramentas de manipulações, mas sabem que na concretude da vida cotidiana (CERTEAU, 1994) elas podem causar impactos, mas também auxiliá-los na economia de tempo, na agilidade das informações, nas trocas sociais e, principalmente, na informação do que está ocorrendo em outros espaços sociais. Para o quilombola Nuvem:

[...] temos que ter os meios de comunicação aqui na comunidade. As coisas estão acontecendo muito rapidamente e se a gente não acompanhar vamos ficar mais ainda pra trás. Nós temos que tá atentos e inseridos porque hoje a comunicação é tudo.

O acesso aos meios de comunicação na comunidade quilombola Campina de Pedra não só provoca mudanças, mas também contribui para o desenvolvimento local a partir das informações obtidas com mais rapidez e agilidade. Antes, caso os quilombolas quisessem mais informações sobre algum fato, explicação sobre doenças dos animais, pragas na lavoura, entre outros assuntos, tinham de aguardar alguém passar pela comunidade e informá-los, isto é, a mediação da comunicação direta e oral estava muito presente na cultura dos quilombolas. Atualmente, como destaca Nuvem: *A gente aprende assistindo e ouvindo bons programas de televisão e rádio*.

Outra possibilidade de se informarem ocorria e continua ocorrendo durante os deslocamentos aos centros urbanos. No início, de acordo com o quilombola Nuvem, iam à cidade de Poconé, estado de Mato Grosso, em caso de extrema necessidade: *Isso acontecia*

umas duas vezes por ano. Com o passar dos anos, especialmente, a partir de 1986, com o asfaltamento da rodovia MT 451, os quilombolas passaram a ir à cidade com mais frequência. Nos dias atuais, eles perfazem o trajeto de 50 quilômetros, ao menos uma vez por mês, dependendo da necessidade e do transporte disponível para esses deslocamentos. Isso ocorre, sobretudo, quem recebem os benefícios do bolsa família, aposentadorias e pensionistas. Já, os agricultores familiares que comercializam seus produtos, na cidade, deslocam-se ao menos uma vez por semana.

Outra fonte de informação são as programações radiofônicas. Antes da televisão, o rádio era o veículo de comunicação mais difundido na comunidade. Isso quer dizer que houve expansão do acesso a informação na comunidade. Percebe-se que as mensagens eram difundidas de acordo com a necessidade e interesse. O quilombola Nuvem cita:

[...] quando o padre queria fazer uma reunião urgente, ele vinha uma semana antes, avisava, a gente passava a informação de casa em casa e, no dia combinado a gente se reunia. Na época, a gente tava construindo a nossa igrejainha.

As notícias de acontecimentos gerais, algumas delas os quilombolas não tomavam conhecimento de imediato. Mas, desde que o pesquisador começou a acompanhar o uso dos meios de comunicação e da tecnologia na comunidade quilombola, surpreendia-se com a rapidez da circulação da informação a respeito de diversos assuntos, como a tramitação do impedimento da presidenta Dilma. Informações que pautaram as conversas: *Você tá sabendo, o processo tá andando rápido demais, isso não é normal, né?.* Essa troca de informação, de certa forma, era uma maneira de aproximar e manter uma conversa e, também, de dizer: *O que vai ocorrer em nosso país.* Do ponto de vista da percepção estrutural – socialização da notícia – a lógica remete à agregação de novas experiências, novos contatos, outras formas de sociabilidade e nova prática cotidiana na comunidade: assistir à televisão e reproduzir à mensagem.

A troca de informações, a partir da mídia na comunidade, teve e continua tendo os efeitos positivos e negativos, na avaliação de algumas famílias. É positiva porque *a gente pode comunicar com quem a gente deseja*, comenta o quilombola Sol. O quilombola Sol tece ainda o seguinte comentário: *Agora não espero mais o padre, o sindicalista, o político vir aqui trazer as informações. Pego o telefone e ligo pra Brasília ou os funcionários dos órgãos públicos também ligam aqui.* A atitude proativa do quilombola, sustentada pelo contato com os meios de comunicação, demonstra, conforme observa Wolton (2006, p. 31) que “[...]”

estar conectado é o símbolo da liberdade. [...] e conectar-se é agir”. Ou seja, a mediação dos meios de comunicação possibilita que os quilombolas entrem em contato com diferentes pessoas, em lugares distintos. Essa dinâmica de se informar sobre as demandas da própria comunidade amplia a capacidade de estabelecer as trocas de experiência, de convivência e as formas de atuação no espaço comunitário.

Além do uso telefone, a comunidade quilombola foi uma das primeiras a ser beneficiada, existem dois computadores. Eles fazem parte de um *kit* de doações do Programa Brasil Quilombola, que visa promover o ensino e aprendizagem, especialmente, das crianças e dos jovens da comunidade. Entretanto, para o funcionamento dos equipamentos, a Fundação Cultural Palmares firmou convênio com a Prefeitura para ofertar o treinamento aos quilombolas. Esses computadores foram entregues e, ainda, não foram utilizados porque não houve os treinamentos. Como gerou expectativa, de acordo com Lua *as crianças sempre perguntam: ‘Quando vamos poder usar o computador?’*. Essa falta de compromisso com os bens públicos e com as pessoas é uma das negatividades apontadas pelos quilombolas.

Se, de um lado, a interação com os meios de comunicação é positiva; de outro, ela também gera algumas mudanças na comunidade. A quilombola Lua comenta que:

Depois que começou a televisão aqui muita coisa mudou. Você vê que antes um vizinho visitava o outro na boca da noite para conversar. Agora não tem mais isso porque a televisão tirou o tempo. Lembro que quando eu era criança, a gente ia um dia na casa de titia, outro dia na casa de vovó, eles vinham aqui. Agora a gente não tem mais tempo pra fazer isso.

A ausência de tempo é creditada aos momentos em que a pessoa prefere ficar em casa, fazer suas coisas, assistir ou ouvir a programação de seu interesse. Mas, pelo que o pesquisador viu e sentiu, é preciso ressaltar que, mesmo com o contato dos quilombolas com a mídia e com as tecnologias, a comunicação na comunidade quilombola ocorre também de forma informal. Eles valorizam, em seu cotidiano, a conversa, porque gostam de relatar detalhadamente os acontecimentos. As maneiras de falar são próprias de cada um, conforme registra Certeau (1994, p. 69) “[...] não têm equivalências nos discursos filosóficos e não são traduzíveis para elas porque nelas existem mais coisas do que nesse discurso. [...] manifestam complexidades lógicas das quais nem há suspeita nas formalizações eruditas”.

A comunicação oral é mantida pelos quilombolas e se torna facilitada devido à proximidade das residências, que permitem o convívio diário. Entre os costumes dos

quilombolas, as famílias se encontram para relatar os fatos históricos do passado, os acontecimentos atuais e, também, o que foi visto e ouvido quando os estão em contato com outras pessoas, além das notícias veiculadas pela mídia. Daí, a importância de valorizar a comunicação oral e a memória como espaço de partilha, de solidariedade e de pertencimento à comunidade (HALBWACHS, 1990).

Eles valorizam a comunicação oral e, nesta modalidade, recontam os fragmentos das histórias vividas no cotidiano. Esse modelo comunicacional continua sendo uma das principais fontes de informações entre os moradores, apesar de que essa situação vem se alterando, como lembra a quilombola Chuva:

[...] se a gente fica até o início do programa que o dono da casa gosta de assistir, logo essa pessoa convida a gente para entrar, a gente entra, mas não tem como conversar e assistir. Com isso, a gente desconfia e volta pra casa.

Nas visitas às residências das famílias, observa-se que a comunicação oral é motivo de aproximação e se faz presente em longos encontros. As pessoas, sem protocolos, visitam as famílias e permanecem conversando por uma manhã ou uma tarde inteira. Os assuntos dessas conversas informais são variados e não têm restrições, demonstrando que se conhecem bem e têm liberdade uns com os outros para falar e, também, escutar a narrativa do outro, sem constrangimentos. As conversas, em forma de bate-papo, têm frases curtas. Utilizam, dependendo do relato, a alteração do tom de voz, gestos, expressões faciais e marcam algumas palavras, núcleo dos assuntos, com ênfase ou através de repetição das mesmas. Nas conversas, eles entram em um assunto, passam para outro, retornam ao mesmo, formando uma verdadeira tessitura nas histórias relatadas.

Destaca-se que, ainda nesses encontros, algumas pautas de discussões foram criadas e divulgadas pelos meios de comunicação (GUARESCHI; BIZ, 2005). Guareschi e Biz (2005, p. 43) alertam que “[...] se a mídia decidir que algum assunto não deva ser discutido, ela tem o poder de excluí-lo da pauta. Uma população inteira fica impossibilitada de saber e conhecer que tal assunto existe na sociedade”. Alguns temas mexem com suas certezas e passam a reconstruir os pontos de vista dos quilombolas, tais como: religiosidade, violência contra a mulher, divórcio, homossexualidade, entre outros. Essas temáticas, quando veiculadas na mídia são amplamente comentadas pelos quilombolas. Por exemplo, ao ouvir numa programação radiofônica sobre o elevado índice de divórcio no País, eles comentam e se posicionam, dizendo que na comunidade, essa prática não deve ser aceita porque *o que*

Deus uniu não pode ser separado (AR). As palavras da quilombola demonstram que estão em sintonia com os ensinamentos da doutrina social cristã, base religiosa à qual estão filiados, a qual estabelece que as pessoas, nessas condições, podem participar do culto comunitário, mas não usufruem dos sacramentos: batismo dos filhos, crisma e eucaristia.

Registra-se que os quilombolas incorporaram, em suas práticas cotidianas, informações utilitárias veiculadas na mídia. Por exemplo, eles apreenderam, através dos meios de comunicação, a técnica de germinação das espécies nativas³, em menor período de tempo. Esse conhecimento possibilita ampliar o cultivo das plantas, ajudando a preservar as espécies na região. A aprendizagem conduz as pessoas a gerarem as próprias respostas a partir das informações divulgadas na mídia. Isto é, à medida que os quilombolas têm acesso ao direito à informação, eles as adaptam à realidade em que vivem (MATA, 2006).

Outra questão relevante é que, nos encontros presenciais, enquanto os quilombolas conversam, continuam realizando as atividades naturalmente, como, por exemplo, escolhendo os grãos do feijão que serão utilizados na refeição. Muitas vezes, nessas tarefas, contam com a ajuda do visitante, demonstrando que existe proximidade, envolvimento e co-participação entre eles. Nas conversas, tecem alguns comentários, inclusive sobre a macroeconomia, pois, se não plantassem o feijão, por exemplo, teriam de adquiri-lo a um preço mais elevado, sem nenhuma segurança alimentar.

Nesses encontros, a relação é horizontal, diferente das propostas verticalizadas da comunicação, ou emitidas de cima para baixo, mas, nos encontros pode ser dizer dialógicos, os sujeitos comunicantes se relacionam de maneira que enquanto um fala, o outro escuta e vice-versa, mas sempre mediado pela palavra, como observa Freire (2006). De forma mais concreta, a palavra é diálogo na comunicação entre os sujeitos. Por essa razão, Freire (2006, p. 115) afirma que:

[...] Só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação.

Esses encontros mediados pela palavra se mantêm durante o trabalho, nas visitas às casas das famílias e nas reuniões comunitárias. Quarta-feira, por exemplo, é o dia dedicado ao Grupo de Reflexão. No início desses encontros, há uma evocação a Deus, em seguida apresenta-se o tema a ser debatido. O assunto – questão ambiental, agricultura familiar,

³ A semente de pequi demora um ano para germinar. Com a técnica aprendida, os quilombolas estão conseguindo diminuir esse tempo para 45 dias.

educação, saúde – é selecionado na reunião mensal de planejamento. Com o espaço aberto à palavra, todos têm a oportunidade de se manifestar. A presença das mulheres, nesses encontros, é a maioria, muito embora quase sempre não expressam suas opiniões em público, por isso os homens, às vezes, a minoria são os que falam e fazem os encaminhamentos.

Esses encontros mantidos pelos quilombolas lembram a proposta dos círculos de cultura iniciada por Freire (2006) na região Nordeste do Brasil. O círculo de cultura consistia em eleger um tema gerador⁴ e, a partir dele, os participantes aprendiam a ler o mundo mediante a sua realidade. Essa proposta influenciou as bases da Igreja Católica, inclusive, os religiosos com essa postura de ação transformadora, foram os primeiros a contribuir com o processo de evangelização na comunidade quilombola. Daí se explica o papel que a Igreja exerceu e continua exercendo na formação social e cristã dos membros da comunidade.

Outra situação a ser considerada é a influência dos meios de comunicação e da tecnologia na comunidade como pauta das conversas. Durante as falas, citam exemplos de reportagens a que assistiram sobre os temas em debate, demonstrando que as fontes de informação e de comunicação são base que ajudam a fomentar os debates.

Isso fica evidente, também, quando verbalizam termos utilizados pelos personagens das telenovelas⁵ ou assuntos das programações radiofônicas. Sobre isso Bordenave (2006, p. 21) afirma que essa:

[...] identificação com os personagens e suas alegrias e sofrimentos parece produzir uma sensação positiva, já que significa compartilhar os próprios problemas com alguém mais importante. O sucesso obtido pelos personagens parece cumprir a função de compensar e aliviar carências e fracassos.

Uma família quilombola mantém essa proximidade com os locutores de uma emissora radiofônica. A experiência envolve os pais e as duas filhas, sendo que a mãe e as filhas fazem uma escala durante a semana para se comunicar com os locutores da rádio comunitária instalada no distrito de Cangas, distante cerca de 15 quilômetros. A escala prioriza as afinidades com o locutor ou a locutora e a disponibilidade de tempo de um dos membros da família. E dizem: *A gente se sente bem, enviando recado e música para as pessoas que há muito tempo que a gente não vê ou, ao menos, para dizer que a*

⁴ Para Freire (2005, p. 114), o tema gerador “[...] é investigar, respeitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis”.

⁵ “Tá puxado”; numa referência a um dos personagens da novela *Morde e Assopra* da rede Globo. “Congela”, expressão utilizada pela atriz Christiane Torloni na novela *Fina Estampa*.

programação do dia está ótima. A concepção dessa família aproxima-se da proposta de comunicação apresentada por Wolton (2006, p. 28), enquanto elemento de: auto-afirmação e de relação com o outro. Para o autor, a comunicação entendida a partir dessas dimensões faz com que as pessoas aspirem à liberdade individual, possibilitando, através do celular e do rádio, por exemplo, ampliar a “presença da voz”, pois, “[...] o essencial do telefone é permitir falar de qualquer lugar em qualquer situação”.

As interações dos quilombolas com os meios de comunicação e com as tecnologias estão contribuindo para que eles reconfigurem os espaços de comunicação na comunidade, construam as suas subjetividades, estabelecendo, assim, novos sentidos sociais e outros vínculos dentro e fora do espaço comunitário. O resultado dessas interações é constatado no cotidiano, como manifesta o quilombola Nuvem: *Aqui na comunidade já houve melhoria da renda porque antes a produção era feita manual, mais lento. E, agora os maquinários são mais rápidos, nos ajudam, e a gente produz muito mais. A tecnologia melhora o ambiente de trabalho, auxilia na geração de renda, pois as pessoas que não tinham acesso a esses recursos e nem clareza das coisas (SOL), passam a compreender que podem fazer a diferença no local onde vivem, por isso dizem, com autoestima elevada: Também posso ajudar nas mudanças que estão ocorrendo.*

Conforme observado, os meios de comunicação e a tecnologia possibilitam a criação de vínculos entre os membros da comunidade e a sociedade em geral e, além disso, são espaços essenciais de mudanças que ocorrem na comunidade. Esse processo de mediação não só provoca mudanças nas práticas cotidianas, mas também contribui para o fortalecimento da identidade, da afirmação, da luta e para a conquista dos direitos sociais, políticos e civis, como relata Nuvem: *Quando não tínhamos acesso aos meios de comunicação, a gente sofria muita pressão para não aceitar a questão racial, agora entendo que eles não queriam que a gente enxergasse outras coisas. Esse depoimento evidencia as mudanças ocorridas a partir da instalação da energia elétrica na comunidade. Em decorrência dessa ação, os quilombolas passaram a interagir com os meios de comunicação, especialmente, com o rádio e a televisão. Aliás, Guareschi e Biz (2005, p. 44) destacam que a televisão é a nova “[...] personagem em nossas vidas e com quem nós mais estamos em contato”.*

O que se nota nessa relação entre comunicação oral e os impactos dos meios de comunicação nas práticas cotidianas dos moradores da comunidade é o desejo, por um lado, de continuar tendo as possibilidades de manter as trocas sociais entre as pessoas, os encontros dialógicos, baseados nas formas tradicionais de comunicação, pois elas fortalecem o modo de falar, de pertencer, de observar. Por outro, com a instalação da energia elétrica na comunidade, os quilombolas almejavam o acesso aos meios de comunicação, que provocaram mudanças no cotidiano. Essas alterações, numa visão mais abrangente, geraram a economia do lugar próprio (CERTEAU, 1994), informações atualizadas, melhorando a divulgação dos acontecimentos, permitindo, com isso, melhorar as condições de vida dos quilombolas.

5 CONCLUSÃO

As mudanças ocorridas na comunidade quilombola Campina de Pedra no município de Poconé/MT é resultado de um longo percurso de lutas e de táticas, no sentido empregado por Certeau (1994), astúcia e resistência criativa, visando conquistar respeito às suas práticas cotidianas e às interações sociais. Isso passa pelo reconhecimento social. Gohn (2008) alerta que o reconhecimento ajuda a efetivar os direitos. Nessa proposta, o reconhecimento social está intimamente ligado ao acesso à informação. A partir dele, há uma redefinição dos espaços sociais e de luta em favor da transformação social dos sujeitos. Além disso, a comunicação aciona o direito à memória, fortalece a identidade, as práticas cotidianas (CERTEAU, 1994), e valoriza as tradições, os costumes, as crenças, os valores e a cultura local do grupo.

Nesse sentido, a luta pelo reconhecimento dos quilombolas é fundamental, visto que não é um ato de ornamentação, mas de aprendizagem e de circulação de conhecimento, mesmo que essa prática seja ignorada pelas pessoas que não compartilham desses conhecimentos (GEERTZ, 1978). Nesse debate, elencamos duas dimensões, a de que a circulação das mensagens comunicacionais na comunidade quilombola possibilitaram que os sujeitos assumissem a sua condição étnica, e essa autoidentificação garantiu avanços internos e externos. Os avanços internos referem-se, especialmente, aos diálogos, à tomada de consciência crítica, à valorização da sua história, do seu passado, da sua memória, a qual ajuda a fortalecer a identidade, as tradições, os costumes, as práticas cotidianas e a cultura

local. Verificam-se os avanços externos a partir da instalação de energia elétrica, acesso aos bens simbólicos, reconhecendo publicamente os quilombolas como sujeitos de direitos de ser informado e informar sobre os seus acontecimentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristóvão Domingos. **Comunicação, Cultura e Cidadania dos quilombolas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. 30. ed., São Paulo: Brasiliense, 2006.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista: noções de política social**. 5. ed., São Paulo: Cortez, 2001.

FRANÇA, Vera. Paradigmas da comunicação: conhecer o que? **Revista Ciberlegenda**. Rio de Janeiro: UFF, edição especial, n.5, p.1-19, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 29. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. 2. ed., Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GUARESCHI, Pedrinho A. e BIZ, Osvaldo. **Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia**. Petrópolis: Vozes, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

MATA, Maria Cristina. Comunicación y ciudadanía: problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo, RS, VIII (1): 5-15, janeiro/abril, 2006.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social de mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

Mediation of Communication and Daily Practices in the Conquest of the Citizenship of Quilombolas

ABSTRACT

The objective of this article is to understand communication and daily practices as a mediation space in the life experiences of the quilombolas of the Campina de Pedra rural community, located in the city of Poconé, in the state of Mato Grosso. It is founded that communication is: exchanges, sharing and dialogue, which activates critical thinking and strengthens participation in the search for rights. Methodologically, it relies on observation and in-depth interviews to understand the communication and daily practices of quilombolas as struggles and efforts to maintain traditions. It is observed that even with the changes that have taken place in the community, after access to the symbolic goods, it reaffirms the place, guarantees the belonging and increases the criticality in favor of the social transformations.

Keywords: Communication. Citizenship. Daily Practices. Quilombolas.

La Comunicación y la Mediación de las Prácticas Cotidianas em la Conquista de los Cimarrones de Ciudadanía

RESUMEN

El propósito de este artículo es entender la comunicación y las prácticas cotidianas como un área de la mediación en las experiencias de vida de los cimarrones de la piedra Campina comunidad rural, ubicada en el municipio de Poconé, Mato Grosso. Se basa en que la comunicación es: intercambios, acciones y diálogo, que permite el pensamiento crítico y fortalece la participación de los derechos. Metodológicamente, se basa en la observación y entrevistas en profundidad para entender la comunicación y las prácticas cotidianas de los cimarrones a medida que lucha y esfuerzo para mantener las tradiciones. Parece que, incluso con los cambios en la comunidad, después de que el acceso a los bienes simbólicos, replantea el sitio, garantías pertenencia y amplía la criticidad en favor del cambio social.

Palabras clave: Comunicación. Ciudadanía. Prácticas cotidianas. Cimarrones.

Recebido em: 29/03/2017

Aceito em: 04/05/2017